

RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE DE ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS

Aurora Camboim*
Julio Rique**

RESUMO: Sabendo que a dimensão religiosa da vida é de extrema importância para o desenvolvimento saudável do ser humano, este estudo teve como objetivo verificar e comparar a religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. Foi realizada uma pesquisa com 124 adolescentes e 63 jovens adultos, perguntando-se o quanto se consideram religiosos e espiritualizados, se possuem religião e, se sim, o quanto a praticam. Os resultados mostraram que os adolescentes se consideram mais religiosos, menos espiritualizados e com maior prática religiosa do que os jovens adultos. Essas diferenças indicam que a forma de vivenciar a religiosidade e espiritualidade muda no decorrer da vida de acordo com as fases do desenvolvimento.

Palavras-chaves: Religiosidade, Espiritualidade, Adolescentes e Jovens Adultos

RELIGIOSITY AND SPIRITUALITY IN ADOLESCENTS AND YOUNG ADULTS

ABSTRACT: The present study reflects on the extremely importance of the religious dimension to human healthy development. So it intends to verify and also to compare both the religiosity and the spirituality of adolescents and young adults. A research with 124 adolescents and 63 young adults demanded how much they considered themselves as religious and spiritualized. It also demanded if they followed any religion and how much were they engaged with it. The results showed that adolescents pointed toward themselves as more religious, less spiritualized and more engaged than the self evaluation of the young adults. These differences indicate that experiencing religiosity and spirituality change through life following development periods.

Keywords: Religiosity, Spirituality, Adolescents and Young Adults

Introdução

Este estudo parte do princípio de que a religiosidade e/ou espiritualidade são fatores associados positivamente ao bem-estar psicológico, satisfação com a vida, felicidade, melhor saúde física e mental. A religiosidade dá sentido à vida das pessoas e ajuda-as a lidar com o sofrimento e a morte (STROPPA e MOREIRA-ALMEIDA, 2008). Sabe-se, no entanto, que existem distintas formas de ser religioso. Algumas questões podem ser feitas considerando essa dimensão na vida dos jovens. Será que o nível de religiosidade/espiritualidade dos adolescentes difere da dos jovens adultos? Seria a dimensão religiosa da vida importante para o pleno desenvolvimento do

* Doutoranda em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, Mestre e graduada em Psicologia pela UFPB auroraclal@yahoo.com.br

** Doutor em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela University of Wisconsin-Madison, Estados Unidos; Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba e Psicólogo Clínico pelo Instituto Paraibano de Educação. Professor do mestrado em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, da UFPB, juliorique@uol.com.br

indivíduo? Os jovens adultos são menos religiosos ou apresentam uma diferente forma de vivenciar sua espiritualidade?

Para responder essas questões é importante definir os construtos pesquisados. O conceito de religião difere de religiosidade e de espiritualidade. São três conceitos distintos, mas que muitas vezes são usados como sinônimos. O que difere religiosidade e espiritualidade? Seria a prática em rituais religiosos? Alguns autores afirmam que sim, que apesar de religiosidade referir-se a uma relação pessoal com Deus, esta relação estaria fundamentada nos rituais de uma religião. Enquanto que espiritualidade não estaria ligada a religião, mas a questões religiosas independentes de instituição. No entanto, a espiritualidade não negaria a religiosidade e vice-versa.

Panzini et al. (2007) definem religião como sendo a crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do Universo, dando ao homem uma natureza espiritual que continua a existir depois da morte do corpo. Religiosidade é definida como a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião. Espiritualidade é a busca pessoal por respostas compreensíveis para questões existenciais sobre a vida, seu significado e a relação com o sagrado ou transcendente que podem (ou não) levar ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade. Segundo Dalgarrondo (2008), religiosidade e espiritualidade podem ser compreendidas como dimensões mais amplas e independentes de denominações institucionalizadas de religião.

As pessoas religiosas, ao preocuparem-se com o sentido da vida, inquietam-se também com o que vem além dela, com o existir além da matéria. São, portanto, pessoas espiritualizadas, que acreditam existir uma vida depois da morte, uma vida espiritual, mesmo que as explicações sejam distintas nas diferentes religiões. No entender de Richards e Bergin (1997), o religioso é um subconjunto do espiritual, sendo possível ser religioso sem ser espiritual e vice-versa. É possível ter uma religião apenas por convenção, é também possível ser espiritualizado sem filiar-se a uma religião, ou ainda ter religião, ser religioso e espiritualizado.

Pesquisas sobre religiosidade

Estudos mostram que a religiosidade pode ser fator positivo na saúde das pessoas. Panzini e Bandeira (2007) verificaram que a religião, espiritualidade ou fé beneficiam na forma como as pessoas lidam com o estresse e Paiva (2007) discutiu como a religião pode ter a função de cura e recuperação nas doenças. Com relação ao

contexto clínico de psicoterapia, Peres, Simão e Nasello (2007) analisaram como a religiosidade/espiritualidade influenciam no indivíduo, acreditando que estas podem ser utilizadas como recursos na promoção da saúde

A religiosidade e espiritualidade são vivenciadas, segundo alguns autores que estudam o desenvolvimento humano, diferentemente nas diferentes idades da vida. De acordo com Dalgalarrrondo (2008), a religiosidade muda ao longo do ciclo vital. Crianças, adolescentes, adultos e idosos apreendem, praticam e vivenciam a religião de forma diferenciada. Segundo esse autor, na adolescência verifica-se que a religiosidade também tem um papel importante e diferenciado: os adolescentes passam por muitas transformações e inquietações, ocorrendo também o despertar religioso, uma fase em que os fenômenos religiosos surgem com intensidade nos sentimentos e pensamentos. O adolescente se caracteriza, portanto, por um posicionamento radical, seja por um ateísmo exacerbado ou por um misticismo fervoroso. De acordo com estas afirmações, Piaget (2004) pontua que os adolescentes costumam ter um sentimento religioso intenso, muitas vezes negativo, engajando-se em projetos messiânicos para servir a Deus.

Ainda segundo Dalgalarrrondo (2008), existe um consenso na literatura de que na fase de envelhecimento a religiosidade desempenha papel central na vida dos idosos. Estes utilizariam a religião como forma de lidar com as suas dificuldades. Como exemplo na psicologia, temos a teoria de Erickson que atribui ao pensamento religioso uma forma de adquirir integridade na velhice.

Existe uma teoria, elaborada por Oser e Gmünder (1991), que aborda o tema do pensamento religioso numa abordagem do desenvolvimento. Para esses autores, o julgamento religioso seria a forma como as pessoas avaliam a sua relação com Deus. Esse tipo de pensamento muda ao longo do desenvolvimento do indivíduo e divide-se em cinco estágios. O primeiro estágio, mais percebido em crianças, caracteriza-se por uma relação de dependência dos seres humanos com Deus. Este seria visto como o grande controlador de todas as coisas. O segundo estágio se caracteriza pela reciprocidade, na qual os seres humanos acreditam poder influenciar a vontade divina. O terceiro estágio marca a independência entre as duas dimensões, humana e divina, na qual cada um tem sua própria esfera de poder e Deus não poderia intervir na vida humana. O quarto é caracterizado pelo retorno de Deus na vida humana, na qual as pessoas têm total responsabilidade, mas haveria uma mediação divina. O quinto estágio

marca a universalidade, na qual Deus e os seres humanos seriam percebidos como um só.

Alguns estudos interessam-se pela religiosidade de adolescentes e jovens e sua relação com a saúde ou o uso de drogas lícitas e ilícitas. Novaes (2004) discutiu o declínio de afiliação religiosa entre os católicos e o aumento do número de brasileiros sem religião, constatando que os jovens da geração atual encontraram espaço para fugir das mediações institucionais e aderirem à saída alternativa: ser religioso sem religião. Dalgalarondo et al. (2005) verificaram em jovens pentecostais, espíritas e católicos se suas afiliações religiosas se relacionavam ao uso de álcool e drogas e à saúde mental. Estes autores encontraram diferenças entre os grupos: os evangélicos pentecostais foram os que utilizaram menos álcool e drogas, apresentando menos sintomas psicopatológicos, os espíritas foram os que mais afirmaram fazer uso dessas substâncias e os que mais apresentaram sintomas psicopatológicos e os católicos situaram-se numa posição intermediária.

Outro estudo com jovens relacionando a religiosidade à saúde e uso de álcool foi realizado por Loch (2006). Este autor verificou uma correlação negativa no que diz respeito ao uso de álcool e nível de religiosidade dos participantes da pesquisa. No entanto, quando comparado os gêneros, essa relação foi mantida entre as mulheres, mas não entre os homens. Silva et al (2007) realizaram uma pesquisa com adolescentes para verificar quais fatores poderiam estar associados ao bem-estar psicológico. Os resultados mostraram que aqueles que mantêm uma prática religiosa correlacionaram negativamente com o consumo de álcool e com a prática de fumar.

Existem trabalhos que estudam o tema da religião, religiosidade e espiritualidade no Brasil na tentativa de caracterizar a peculiaridade dessa sociedade em termos religiosos. Perez (2000) faz uma análise histórica da religiosidade brasileira, explicando sua diversidade étnica que influencia no modo de ser religioso. As diferentes religiões se constituem pelo produto da diversidade de modos de organização da sociedade, marcada pelas diferentes civilizações que a compõem, diferentes economias, personagens, religiões, paisagens, etc. Para esta autora, a origem do Brasil tem fundo religioso que se confunde com a própria formação histórica do país.

Caracterização Religiosa Brasileira

O Brasil sempre foi considerado, segundo Dalgalarondo (2008) um país predominantemente católico, desde que chegaram com os portugueses os primeiros frades franciscanos, padres seculares e principalmente os jesuítas. De acordo com esse autor, continua sendo a mais populosa nação católica do mundo, cerca de 74% dos brasileiros nomeiam-se católicos. No entanto, apesar dessa predominância da religião católica, o Brasil é um país diverso em práticas religiosas, ou seja, existe uma grande tolerância e mobilidade das pessoas entre as religiões.

Segundo Antoniazzi (2003), uma pesquisa realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do Brasil encontrou que cerca de 25% dos entrevistados freqüentam mais de uma religião e cerca da metade deles o fazem sempre. Esse sincretismo religioso esconde uma grande quantidade de “católicos não praticantes”. De acordo com Dalgalarondo (2008), estima-se que somente 20 a 30% dos católicos sejam praticantes assíduos apenas do catolicismo. Para autores como Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, o catolicismo brasileiro difere bastante do europeu, pois assumiu um caráter pouco austero, afetivo, no qual o tratamento com os santos é, sobretudo, intimista. Essa familiaridade e intimidade com as divindades deram origem aos cultos sem obrigação e rigor com as regras da afiliação religiosa, mas por outro lado, a religiosidade do brasileiro é intensa e vibrante.

A segunda religião com maior número de fiéis no Brasil, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2000), é a protestante. Esse movimento religioso iniciou-se com a Reforma protestante de Martinho Lutero e caracteriza-se pela diversidade de denominações, livre interpretação da bíblia, e nenhuma instituição que represente o protestantismo como um todo. Cada denominação protestante tem plena autonomia em relação às outras.

Nos últimos anos foi o segmento religioso com maior índice de crescimento (15,4% da população). Os grupos evangélicos podem ser divididos da seguinte forma: evangélicos históricos de imigração; evangélicos históricos de missão; evangélicos pentecostais; evangélicos neopentecostais e os neocristãos (ou cristianismo de fronteira) (DALGALARRONDO, 2008). Quando comparada à escolaridade com a religião de pertença, o IBGE (2000) mostra que os evangélicos de missão tiveram uma média alta em anos de estudo (6,9 anos) e os evangélicos pentecostais uma baixa média (5,3 anos de estudo).

Se se toma os evangélicos como uma única denominação, a terceira religião em números de adeptos é o espiritismo kardecista (1,4% da população). É considerada também uma das religiões que mais tem crescido no Brasil. A importância dessa religião para o Brasil, segundo o autor citado acima, não se restringe ao número de adeptos, mas a uma grande quantidade de católicos que freqüentam esporadicamente sessões espíritas e acreditam na reencarnação. Ou seja, sua importância se deve a esse impacto religioso e cultural sobre as classes médias brasileiras. Suas idéias são cristãs, tendo como elemento central a caridade e caracteriza-se por ser uma doutrina evolucionista, na qual os seres humanos passam por sucessivas reencarnações para atingir a perfeição. Outra informação interessante é que, segundo o levantamento do IBGE (2000) da escolaridade da população segundo a religião, a parcela com mais anos de estudo é a dos indivíduos que se declaram espíritas, com uma média de 9,6 anos de estudo.

Com a vinda dos escravos para o Brasil, algumas religiões originaram-se de seus costumes, tais como o candomblé. Os escravos cultuavam seu Deus e divindades chamadas de orixás e tinham cantos e danças trazidas da África. É uma religião de tradição oral. Já a umbanda surgiu do sincretismo de elementos do catolicismo, do espiritismo e do candomblé.

Cada terreiro possui sua própria identidade, herdada da história de vida da mãe ou pai de santo que o lidera. A umbanda é uma religião com predominância de pessoas pobres, que buscam uma resposta rápida e eficaz para os seus sofrimentos. Segundo censo do IBGE (2000), cerca de 0,3% da população brasileira pertencem à religiões afro-brasileiras e quando relacionou-se a escolaridade segundo a religião, os que dizem pertencer ao candomblé ou umbanda ficaram em segundo lugar na média de anos de estudo (7,2 anos).

Os altos níveis de escolaridade encontrada nos espíritas kardecistas e nos seguidores do candomblé ou umbanda, segundo o IBGE (2000), devem-se a uma consistente convicção de seus princípios, principalmente os kardecistas que possuem uma doutrina mais filosófica.

Existe um grande número de outras denominações religiosas espalhadas no Brasil. Esses grupos religiosos são numericamente minoritários, mas não menos importantes para a identidade multiétnica brasileira. Dentre eles se incluem: judeus,

muçulmanos, budistas, membros de novas formas de religiosidade como o santo daime, grupos espiritualistas, assim como religiões indígenas (DALGALARRONDO, 2008).

Segundo o IBGE (2000), outro grupo teve o maior crescimento nos últimos anos, as pessoas sem afiliação religiosa. São pessoas que não têm mais receio de assumirem essa posição. Em meio a tantas definições religiosas, cresce a desfiliação religiosa. Antoniazzi (2003) afirma que declarar-se “sem religião” não significa ser menos religioso, mas parece indicar que está ocorrendo uma “des-institucionalização” da religião e a emergência para uma “religião invisível”.

Cerca de 91% da população que se declara sem religião, afirma acreditar em Deus, já aqueles que se declaram ateus são apenas 1,2% da população. Portanto, a religião vem sendo vista como um sentimento pessoal, íntimo, desatrelada de instituições religiosas. Para este autor, este fenômeno se deve a atual modernização dos “hábitos” dos brasileiros para um crescimento do individualismo. Dalgalarrondo (2008) também relaciona o fato ao individualismo, ou seja, a uma apropriação individualizada do sagrado e da espiritualidade, mas discorda que seja apenas devido à modernidade.

Para uma melhor visualização da variação religiosa informada acima, os recenseamentos demográficos do IBGE apresentam, segundo a Tabela 1, os seguintes números:

Tabela 1: Variação dos Grupos Religiosos Segundo Dados do IBGE de 1980, 1991 e 2000 em Porcentagem da População Brasileira

Religião	1980	1991	2000
Catolicismo	89,2	83,3	73,8
Protestantismo	6,6	9,0	15,4
Sem religião	1,6	4,8	7,4
Espiritismo	0,7	1,1	1,3
Religiões afro-brasileiras	0,6	0,4	0,3
Outras religiões	1,3	1,4	1,8

Fonte: Recenseamentos demográficos do IBGE de 1980, 1991, 2000 (www.ibge.gov.br)

Diante do que foi exposto, verifica-se que a população brasileira está longe de apresentar um tipo específico de religiosidade. Pelo contrário, apresenta uma heterogeneidade religiosa apenas verificada nesse país e que ao longo dos anos torna-se

ainda mais diversificada. Sabendo que a religiosidade e espiritualidade apresentam diferentes manifestações dependendo da fase do desenvolvimento do indivíduo, este trabalho se propõe a verificar como se configuram estas dimensões em adolescentes e jovens adultos e quais as diferenças encontradas nesses dois grupos de idade.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 124 adolescentes estudantes do ensino fundamental e médio de escolas privadas, sendo 69 homens e 55 mulheres, com idades variando de 12 a 18 anos ($M = 14,81$, $dp = 1,433$), e 63 estudantes universitários, sendo 19 homens e 44 mulheres, com idades variando de 16 a 35 anos¹ ($M = 22,06$; $dp = 3,959$). Todos residentes na cidade de João Pessoa – PB.

Instrumento

Foi utilizado um questionário de informações sócio-demográficas, que perguntava sobre a identificação do participante, tais como, sexo, escolaridade, idade, etc. Foi também utilizado um questionário com perguntas sobre o nível de religiosidade e espiritualidade, a religião a que pertencem (se houver), a prática religiosa e sobre a crença em Deus.

Procedimentos

A coleta dos dados foi realizada em sala de aula de forma coletiva, respondido individualmente. Para a análise dos dados realizaram-se *testes-t* para amostras independentes para comparar a média dos dois grupos (adolescentes e jovens adultos).

Resultados

1. Crença num Deus, Religião dos participantes e prática religiosa

Foi perguntado aos participantes se acreditavam em Deus ou num Ser Absoluto. Considerando a amostra completa, 93% dos participantes disseram acreditar em Deus. Quando vistos separadamente, verificou-se que 98,4% dos adolescentes e 82,5% dos jovens adultos disseram acreditar em Deus.

Perguntou-se também se os participantes tinham alguma religião. E em caso positivo, qual era essa religião. Considerando a amostra completa, 81,6% disseram que sim. Entre os adolescentes, 91,9% disseram possuir uma religião e entre os jovens adultos o resultado foi de 61,9%. Dos participantes que disseram possuir uma religião,

¹ Existem nesse grupo três participantes adolescentes (16 e 18 anos) que foram mantidos. Considerou-se que o desenvolvimento depende não apenas da maturação, mas também das interações sociais a que esses participantes estão expostos no ambiente universitário.

59% deles disseram ser católicos, 16% evangélicos, 1% espíritas, 1% mórmons, 18% disseram não ter nenhuma religião e 5% não respondeu.

Quando comparadas as religiões pela idade (Tabela 2), verificou-se que a maior parte dos adolescentes é católica. Já entre os jovens adultos verificou-se uma divisão entre católicos e aqueles que afirmaram não ter religião. Os evangélicos se colocaram em terceiro lugar da distribuição das frequências.

Tabela 2: Frequências e percentuais das religiões por idade (N=187)

	Adolescentes		Jovens adultos	
	F	%	F	%
Nenhuma	10	8,10	24	38,10
Católica	85	68,50	25	39,70
Evangélica	19	15,30	11	17,50
Espírita	0	0,00	2	3,20
Mormon	2	1,60	0	0,00
Não respondeu	8	6,50	1	1,60
Total	124	100,00	63	100,00

Foi pedido ainda aos participantes que marcaram possuir uma religião, que respondessem numa escala de 5-pontos, o quanto freqüentavam essa religião, indo de nada a bastante (0 = nada, 1 = pouco, 2 = alguma, 3 = muito, 4 = bastante). Para facilitar os cálculos, combinaram-se os escores de pouco/alguma (1 e 2) e muito/bastante (3 e 4). Verificou-se quanto à prática religiosa que os adolescentes apresentaram uma média superior ($M = 1,06$) aos dos jovens adultos ($M = 0,69$).

Foi realizado um teste- t para amostras independentes com relação à prática religiosa nos três níveis entre os dois grupos de idade. Embora tanto os adolescentes como os jovens adultos tenham apresentado *pouca* prática religiosa, foi encontrado uma diferença significativa entre as médias dos grupos ($t = 3,715$, $gl = 182$, $p < 0,00$). A maioria dos adolescentes disse ter pouca ou alguma prática ($n = 122$, $M = 1,06$, $dp = 0,565$). Enquanto os jovens adultos em sua maioria afirmaram não ter nenhuma prática religiosa ($n = 62$, $M = 0,69$, $dp = 0,737$).

2. Espiritualidade e religiosidade dos participantes

Foi pedido aos participantes que apontassem numa escala de 5-pontos (0 = nada, 1 = pouco, 2 = alguma, 3 = muito, 4 = bastante), o quanto eles se consideravam uma pessoa espiritualista e o quanto eles se consideravam uma pessoa religiosa. Os adolescentes, em sua maioria, apresentaram menor média do grau de espiritualidade ($M = 1,98$; $dp = 0,915$) do que os jovens adultos e apresentaram maior média do grau de religiosidade ($M = 2,25$; $dp = 0,861$) do que os jovens adultos ($M = 1,81$; $dp = 1,216$).

Considerando-se as médias do grau de espiritualidade, o resultado de um teste- t para amostras independentes revelou uma diferença significativa entre os grupos de idade ($t = -3,322$, $gl = 185$, $p < 0,001$) com os adolescentes apresentando uma média inferior ($n = 124$, $M = 1,98$, $dp = 0,915$) a dos jovens adultos ($n = 63$, $M = 2,49$, $dp = 1,162$). Quanto à religiosidade dos participantes, o resultado de um teste- t para amostras independentes revelou uma diferença significativa entre os grupos de idade ($t = 2,863$, $gl = 185$, $p < 0,001$) com os adolescentes apresentando uma média superior ($n = 124$, $M = 2,25$, $dp = 0,861$) a dos jovens adultos ($n = 63$, $M = 1,81$, $dp = 1,216$).

Discussão dos Resultados

Observou-se nesse estudo uma *afiliação religiosa* dos participantes semelhante aos dados apresentados pelo IBGE (2000). A religião mais citada pelos participantes foi a católica, que é a religião predominante no Brasil; segue-se como segunda religião de maior frequência entre os participantes a evangélica, sendo também a segunda religião com maior número de fiéis nesse país e por fim, encontrou-se nesse estudo um número bastante elevado de jovens sem religião. Segundo o IBGE, as pessoas sem afiliação religiosa é o grupo de maior crescimento nos últimos anos no Brasil.

Os participantes desse estudo afirmaram possuir pouca *prática religiosa*. Como a grande maioria deles afirmou ser católica, esse dado parece confirmar a estimativa dada por Dalgalarondo (2008) que somente 20 a 30% dos católicos sejam assíduos praticantes devido à diversidade e mobilidade religiosa dos brasileiros. Verificou-se também uma correlação positiva quanto ao grau de *espiritualidade* e o grau de *religiosidade* dos participantes, o que pode ser explicado pela semelhança de definição dos termos.

Tratando agora mais especificamente dos adolescentes, verificou-se que estes apresentaram maior afiliação religiosa, maior prática religiosa, maior religiosidade e menor espiritualidade comparados aos jovens adultos. Esses resultados parecem indicar

que os adolescentes apesar de estarem numa fase de ampliação do seu universo social, permanecem com a religião dos pais, são mais ligados a uma instituição religiosa, possuem um sentimento religioso mais intenso e mais dependente de uma mediação institucional do que os jovens adultos.

Por outro lado, os jovens adultos, diferentemente dos adolescentes, dividiram-se, em sua maioria, entre católicos e os que declararam não ter religião. Confirmando as discussões feitas por Novaes (2004) quanto ao aumento do número de brasileiros sem afiliação religiosa, principalmente entre os jovens dessa geração, que parecem fugir das mediações institucionais. Os jovens adultos praticam menos sua religião, são menos religiosos e apresentam maior espiritualidade do que os adolescentes. Esses resultados mostram que os jovens adultos mantêm um afastamento das instituições religiosas, porém conservando uma relação espiritual mais pessoal, mais direta com o transcendente, desatrelada de religião.

Considerações Finais

Por fim, pode se afirmar que os resultados desse estudo apontaram para diferentes formas de vivenciar a religiosidade e/ou espiritualidade, seja seguindo os dogmas de uma instituição religiosa seja através de uma relação pessoal com o transcendente. Condiz com o que afirmou Dalgalarrrondo (2008) quanto à forma de vivenciar a religião ser diferente nas diferentes fases da vida. Tais diferenças são fortemente marcadas nas duas fases da vida aqui estudadas, o que evidencia a influência da idade no modo de viver e pensar religiosamente das pessoas.

Fica em aberto a discussão sobre qual forma de expressar a sua religiosidade e/ou espiritualidade contribui para uma maior saúde mental e qualidade de vida. Inclina-se em pensar que quanto maior a maturidade religiosa de uma pessoa, no sentido de buscar por respostas sobre o significado da vida e permitir ter experiências religiosas autênticas, maior será a sua capacidade de refletir e viver a sua religiosidade e/ou espiritualidade de forma saudável. Assim, a sua forma de expressar será realizada com moderação, congruência e respeito às diferenças.

Esse é um estudo preliminar que pode subsidiar outros estudos com enfoque na religiosidade dos jovens, podendo inclusive correlacionar outras variáveis para enriquecer os dados aqui obtidos.

Referências

- ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. **Revista de Estudos da Religião**. n.2, p. 75-80, 2003.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DALGALARRONDO, P. et al. Jovens pentecostais e espíritas em comparação a católicos: uso de álcool e drogas e saúde mental. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 54 (3),p. 182-190, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Anuário de crédito rural*, 2000. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>>, acesso em 13 de julho, 2008.
- LOCH, M. L. **Comportamentos relacionados à saúde e indicadores de religiosidade em adolescentes escolares**, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- NOVAES, R. (). Os jovens sem religião: Ventos secularizantes, espírito de época e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos avançados** 18, 52, p.321– 330, 2004.
- OSER, F.; GMÜNDER, P. **Religious Judgement: A Developmental Perspective**. Alabama: Religious Education Press, 1991.
- PAIVA, Geraldo José. (). Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia**, 24(1), p. 99-104, 2007.
- PANZINI, R. G. et al. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de psiquiatria clínica**, v.34 supl.1, 2007.
- PANZINI, R.; BANDEIRA, D. *Coping* (enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 34, supl 1, p. 126-135, 2007.
- PERES, F., SIMÃO, M.; NASELLO, A. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Rev. Psiq. Clín.** 34, supl 1, p. 136-145, 2007.
- PEREZ. L. F. Breves notas sobre a religiosidade brasileira. **Brasil 500 anos**, Belo Horizonte, P.40-58, 2000.
- PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. São Paulo: Forense Universitária, 2004. (Trabalho original publicado em 1964).
- RICHARDS, S.; BERGIN, A. **A Spiritual Strategy for Counseling and Psychotherapy**. Washington, DC: American Psychological Association, 1997.
- SILVA, R. A., et al. Bem-estar psicológico e adolescência: fatores associados. **Caderno de Saúde Pública**, 23(5), p.1113-1118, 2007.

STOPPA, A. e MOREIRA-ALMEIDA, A. Religiosidade e Saúde. . In: M. Salgado & G. Freire (Org.). **Saúde e Espiritualidade: uma nova visão da medicina**. Belo Horizonte: Inede, 2008.